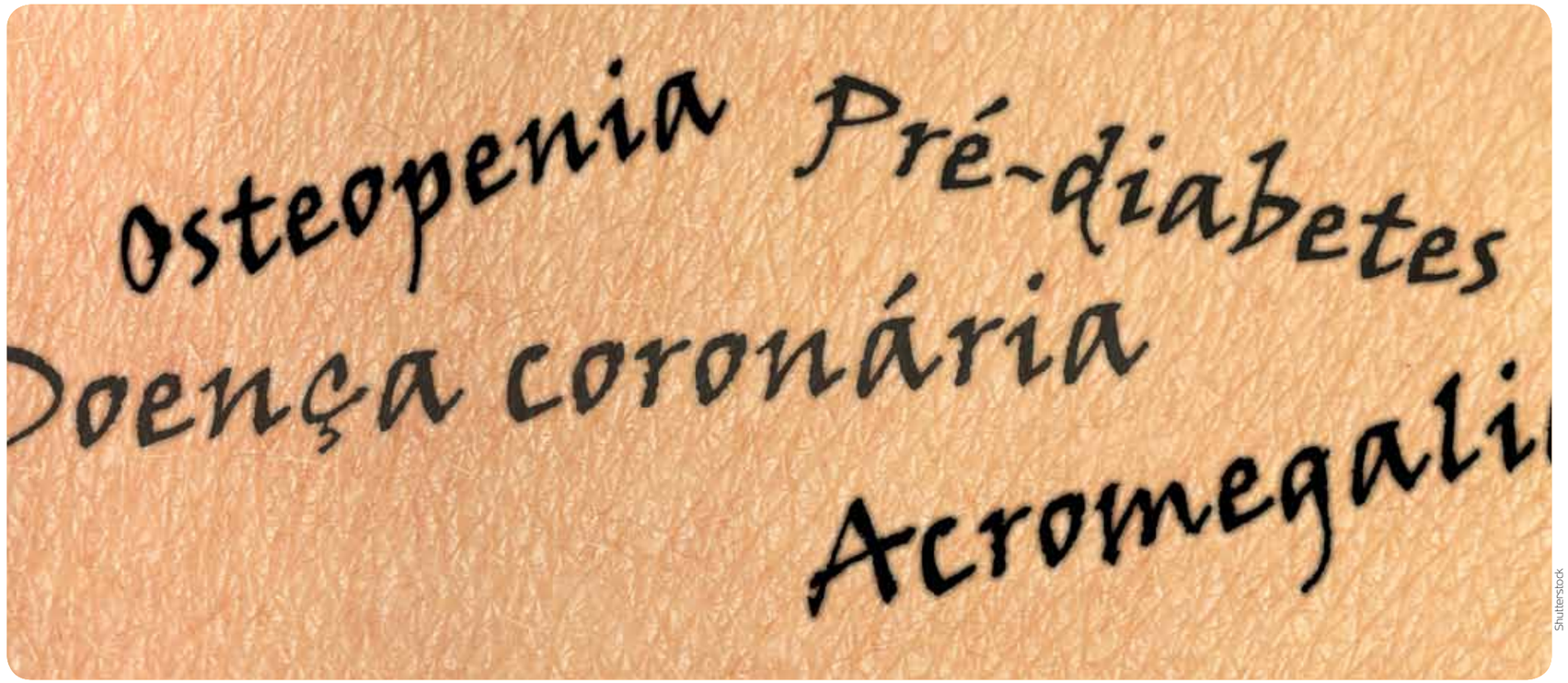
Males profundos à flor da pele

Em Botucatu, dermatologista estuda alterações cutâneas aparentemente banais, mas que podem sinalizar o início de problemas de saúde sérios e frequentes, como diabetes, osteoporose e infarto

Luciana Christante
lchristante@reitoria.unesp.br



Shutterstock

Ninguém espera sair de uma consulta dermatológica com a suspeita de osteoporose, pré-diabetes, problemas vasculares ou hormonais, nem com um encaminhamento a um médico especialista para exames mais detalhados. Mas há uma chance de isso acontecer caso o paciente passe pelos olhos atentos do dermatologista Hélio Amante Miot, pesquisador da Faculdade de Medicina de Botucatu, no interior de São Paulo.

O trabalho de Miot evoca o poeta e filósofo francês Paul Valèry (1871-1945), para quem "o que há de mais profundo no ser humano é a pele". É pouco provável que com essas belas palavras Valèry estivesse se referindo a algum distúrbio orgânico, mas elas caem como uma luva poética para descrever o objetivo prático que o dermatologista da Unesp persegue com sua linha de pesquisa: "Queremos identificar sinais de doenças sistêmicas [que podem afetar várias partes do organismo] na superfície corporal", diz ele.

Não é uma ideia nova, explica Miot. A noção de que a pele – o maior órgão do corpo humano – pode ser vista como uma espécie de mapa da saúde, no qual certas alterações podem denunciar males mais profundos, faz parte, ainda que de forma vaga, do conhecimento popular. "Na literatura médica, esse tipo de estudo é antigo, mas com resultados dispersos", diz o médico. "Nosso objetivo é sistematizar esse conhecimento e trazê-lo para a realidade brasileira."

As pesquisas de Miot nessa área começaram pela orelha, ou, para ser anatomicamente mais preciso, pelo pavilhão auditivo externo. Essa pouco lembrada região do corpo pode sinalizar entupimento das artérias coronárias, problema silencioso que é uma das principais causas de infarto.

"Pessoas com doença arterial têm a circulação do sangue comprometida em várias partes do corpo, mas um dos lugares mais acessíveis é a orelha, porque forma uma ruga bem característica", diz ele

Uma ruga não, duas – como demonstrou Miot e sua equipe num artigo de 2006 nos *Anais Brasileiros de Dermatologia*. Além da prega clássica na base da orelha, anteriormente descrita na literatura estrangeira como indício de doença arterial, eles observaram uma segunda, até então ignorada, situada bem no lugar onde normalmente se coloca o brinco, e que denunciava o mesmo problema. "Quem tinha essas pregas apresentava risco bem maior de obstrução das coronárias. Isso foi observado em todas as idades", conta.

Osso fraco, pele fina

Outro ponto de observação do dermatologista são as mãos das senhoras, nas quais busca sinais de enfraquecimento dos ossos, o que é típico do envelhecimento feminino. Em estudo publicado em 2011 na mesma revista, ficou comprovado que quanto mais fina a pele do dorso da mão, menor a densidade óssea na região lombar da coluna e no fêmur. "É um indicativo de osteopenia", afirma o médico, referindo-se à condição que antecede a osteoporose.

Segundo ele, o afinamento da pele ocorre pela hiperatividade de uma enzima (colagenase), que também degrada o osso. "São eventos independentes, mas concomitantes", explica.

Outra doença que um exame de pele pode ajudar a prever e prevenir é o diabetes tipo 2, que já atinge proporções epidêmicas no Brasil. O distúrbio é comumente precedido pela síndrome metabólica, ou seja, a coexistência de uma série de fatores de risco como obesidade concentrada na região da cintura, hipertensão, excesso de açúcar e triglicerídeos no sangue e alteração dos níveis de colesterol. Também é chamada pré-diabetes.

Um grande número de pequenas verrugas da cor da pele na região do pescoço, que os dermatologistas chamam de acrocórdons, pode ser um sinal de que o diabetes tipo 2 é apenas uma questão de tempo na vida daquela pessoa, segundo outro estudo publicado por Miot há dois anos.

Os acrocórdons podem antecipar também outros problemas de saúde, como a acromegalia, que quando ocorre na adolescência leva ao gigantismo.

Causada por um distúrbio da glândula hipófise (localizada no cérebro), que acaba produzindo hormônio do crescimento em excesso, a acromegalia é uma doença rara e insidiosa, cujos primeiros sinais aparecem sob a forma de uma série de alterações cutâneas, que foram detalhadas pelo médico em seu último artigo, publicado este ano na revista da Sociedade Brasileira de Dermatologia. "A acromegalia geralmente é detectada de forma tardia e 100% dos pacientes têm alguma alteração na pele", afirma Miot. "É uma oportunidade para o dermatologista de suspeitar do diagnóstico e encaminhar para o tratamento precoce."

Até o fim de 2013, a equipe do dermatologista deve concluir um longo estudo, com cerca de 200 pacientes, que procura investigar novos sinais cutâneos associados à doença coronariana, além de reforçar os resultados para aqueles já descritos, como as pregas nas orelhas. Até lá, os voluntários terão sido acompanhados por cinco anos.

> Um grande número de pequenas verrugas da cor da pele na região do pescoço, os chamados acrocórdons, pode indicar uma condição que antecede a instalação do diabetes tipo 2, ou ser um dos primeiros sinais da acromegalia, doença rara e insidiosa

Dentre os diversos sinais estudados, um dos mais curiosos tem a ver com a modificação do ângulo das unhas das mãos. "Quando a unha fica reta, achatada, pode ser sinal de doença [arterial]", diz o pesquisador. Apesar de não ser uma novidade na prática dos cardiologistas, "é um dado que ainda não foi quantificado", acrescenta.

Para Miot, buscar na superfície do corpo fatores de risco latentes e doenças silenciosas é algo que poderá ajudar médicos e outros profissionais de saúde, especialmente nos serviços de atenção básica. É também uma abordagem que resgata a observação clínica, tão importante nos primórdios da medicina, mas que vem perdendo espaço para a enxurrada de exames de imagens ou laboratoriais, muitas vezes pedidos sem necessidade e pelos quais alguém tem de pagar.

Não é por acaso que o dermatologista de Botucatu se diz fã de um colega fictício, o doutor Gregory House, aquele do famoso seriado americano.